

DOSSIÊ: CULTURA POLÍTICA E CRISE DEMOCRÁTICA

APRESENTAÇÃO

A crise da democracia não é um tema novo nos estudos da Ciência Política. O relatório da Comissão Trilateral¹ realizada na década de setenta já trazia como diagnóstico um aumento substancial da participação e das demandas sociais, e sobre as quais a arquitetura burocrática existente não estaria conseguindo responder de forma satisfatória. Também constava no relatório um aumento da mídia crítica ao governo, o que provocava uma redução da autoridade governamental, contribuindo para a perda da legitimidade de governos e do regime. Este relatório, editado e publicado em livro (1975), concentrava o resultado de estudos de países da Europa, Japão e Estados Unidos, e dentre os cientistas políticos mais destacados estava Samuel Huntington e Michel Crozier.

Com a Terceira Onda [Democrática] (HUNTINGTON, 1994) e mais tarde a ruína do Bloco Soviético foi a vez dos estudos de transição e consolidação da democracia concentrarem as atenções dos pesquisadores. Autores como Francis Fukuyama (1992) e Jean-Marie Guéhenno (1994) não tardaram em afirmar que a democracia não teria mais “inimigos” e se tornaria, aos poucos, o regime político da maioria das nações. A euforia, no entanto, durou pouco, pois ao final da década de 90 algumas democracias já apresentavam problemas de desempenho, apoio e legitimidade. As atenções, então, se voltaram para as percepções, atitudes e comportamentos das pessoas em relação ao regime democrático e também sobre regras informais e atributos como confiança interpessoal, níveis de engajamento em organizações não formais e graus de cooperação e solidariedade.

¹ A Comissão Trilateral de 1973 foi um fórum de discussão fundado por David Rockefeller e era formado por integrantes representantes do Japão, Europa Ocidental e América do Norte. Seu objetivo era estimular diálogos políticos e econômicos para gerar diagnósticos que ajudassem na cooperação destes países. O livro resultante do relatório pode ser acessado em: <https://archive.org/details/TheCrisisOfDemocracy-TrilateralCommission-1975/page/n0>.

Usando como recorte os mesmos países do relatório da Comissão Trilateral, Pharr, Putnam e Dalton (2000) encontraram padrões sistemáticos de queda da confiança nas lideranças e nas instituições políticas. Para explicar a queda da confiança os autores apontaram para uma piora no desempenho da democracia, principalmente em relação às instituições representativas, uma mudança nos critérios e padrões de avaliação e um “excesso” de informação que estaria provocando um aumento das expectativas em relação ao próprio desempenho da democracia.

O aumento da capacidade de acumular informação e seus impactos nas percepções, atitudes e comportamentos também foi pesquisado por Pippa Norris (2011). Ancorada na tese do pós-materialismo de Ronald Inglehart (1971), elaborou o conceito de *cidadãos críticos*, onde apontou evidências para uma mudança no comportamento do cidadão em relação ao sistema político em geral. Essa mudança estava provocando um aumento da capacidade cognitiva dos cidadãos sobre o campo da política, onde uma maior exposição ao noticiário, principalmente em matérias de cunho negativo sobre o campo da política, ao mesmo tempo em que reforçava as aspirações democráticas, também levava o cidadão a se comportar de maneira mais crítica na hora de avaliar a política, suas instituições e o desempenho do regime.

A tese do pós-materialismo basicamente argumenta que os coortes geracionais que experimentaram uma segurança existencial material voltariam suas atenções para questões mais amplas como direitos de liberdade, posicionamentos mais responsáveis em relação ao meio ambiente em detrimento de decisões e concentração de poder. A democracia seria o regime político no qual estas novas aspirações e demandas encontrariam uma vazão mais ampliada. Recentemente, no entanto, Foa e Mounk (2016) encontraram um desacoplamento do apoio dos jovens em relação à democracia. Explorando medidas como (1) apoio dos cidadãos ao sistema como um todo, (2) o grau no qual eles apoiam instituições-chave da democracia liberal, (3) sua disposição para avançar suas causas políticas dentro do sistema político existente e (4) sua receptividade a alternativas autoritárias, chegaram a um resultado no qual a “coorte” geracional representada pelos *millennials* americanos aparece como a mais antidemocrática quando comparada com “coortes” precedentes.

E se uma mudança nas atitudes, percepções e comportamentos dos cidadãos de democracias consolidadas aponta para um cenário de desacoplamento do apoio, quando nos voltamos para as pesquisas feitas na América Latina e no Brasil os resultados não deixam de considerar as especificidades regional e

nacional. A tese do “pós-lua de mel” elaborada por Catterberg e Moreno (2006) argumenta que, para os cidadãos da América Latina, uma forte expectativa fora gerada de que com a transição dos regimes autoritários para regimes democráticos muitas das soluções para os problemas das pessoas seriam encontradas. Uma vez que isso não ocorreu, o resultado prático e imediato seria a desconfiança nas instituições e uma avaliação negativa do desempenho do regime. Argumentos similares à tese do “pós-lua de mel” podem ser encontrados em Ribeiro (2011) e Moisés (2005).

Mais de quarenta anos após o relatório da Comissão Trilateral, observamos que o tema continua o mesmo, embora a agenda de pesquisa sobre a crise da democracia tenha sido ampliada em muitas dimensões, tanto na linha institucionalista, quanto na culturalista. Castells (2018) argumenta que a crise da democracia é a do modelo liberal, no qual instituições centrais desse modelo como partidos políticos e parlamentos não estão mais conseguindo justificar seu desempenho diante de uma realidade muito diferente do contexto no qual elas surgiram. Além da deterioração da arquitetura democrática em muitos países como bem trouxe Diamond (2017), também uma onda neonacionalista ganha força permitindo a ascensão de lideranças de cunho antidemocrático. Como afirmam Levitsky e Ziblatt (2018), hoje as democracias morrem aos poucos, por dentro, a partir da ascensão de lideranças e governos que vão enfraquecendo-as paulatinamente. A perda do apoio da população representada pelo declínio da confiança em instituições, a insatisfação e avaliações negativas em relação ao desempenho da democracia contribuem para um ressurgimento do discurso nacionalista.

Reforçando a argumentação de Inglehart (2002), democracias necessitam de instituições e procedimentos, mas de forma alguma podem sobreviver sem o apoio de massas. Esse apoio é traduzido em sentimento de pertencimento ao sistema político, adesão à democracia como valor, satisfação com o desempenho democrático, confiança em suas instituições e apoio aos governos e às lideranças políticas. Esses elementos estão em processo de desintegração, portanto, nada mais oportuno do que trazer artigos com pesquisas sobre este tema. Essa é a proposta deste dossiê, que agora apresentamos aos leitores da Revista Cadernos de Campo.

Desejamos uma boa leitura!

Organizadores,

Bianca de Freitas Linhares

Doutora em Ciência Política (UFRGS). Possui graduação (bacharelado e licenciatura) em Ciências Sociais (2003) e mestrado em Ciência Política (2006) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora adjunta do Departamento de Sociologia e Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCPol) da UFPel.

Fábio Hoffmann

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), tem especialização em Marketing, Direito Eleitoral e Partidário pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), e é bacharel em Ciência Política pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. Ruptura: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CATTERBERG, G; MORENO, A. The individual bases of political trust: trends in new and established democracies. *International Journal of Public Opinion Research*, Oxford, vol. 18, n.1, p. 31-48, 2006.

CROZIER, Michel J.; HUNTINGTON, Samuel P; WATANUKI, Joji. The crisis of democracy: report on the governability of democracies to the trilateral commission. New York: New York University Press, 1975.

DIAMOND, Larry. Para entender a democracia. Curitiba: Ed. Instituto atuação, 2017.

FOA, Roberto Stefan; MOUNK, Yasha. The democratic disconnect. *Journal of Democracy*, vol. 27, n. 3, p. 5-17, july, 2016.

FUKUYAMA, Francis. O fim da história e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GUÉHENNO, Jean-Marie. O fim da democracia. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1994.

HUNTINGTON, Samuel P. *A Terceira onda: a democratização no final do século XX*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

INGLEHART, Ronald. The silent revolution in Europe: intergenerational change in post-industrial societies. *American Political Science Review*, vol. 65, n. 4, p. 991-1017, dec., 1971.

_____. *Cultura e democracia*. In: HARRISON, Lawrence E.; HUNTINGTON, Samuel P. (Orgs.). *A Cultura importa*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como Morrem as Democracias*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2018.

MOISÉS, José Álvaro. A desconfiança nas instituições democráticas. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 11, n. 1, p. 33-63, 2005.

NORRIS, Pippa. *Democratic deficit: critical citizens revisited*. Spring: Cambridge University, 2011.

PHARR, Susan J.; Putnam, Robert D.; DALTON, Russell J. A quarter-century of declining confidence. *Journal of Democracy*, vol. 11, n. 2, p. 5-25, abril, 2000.

RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. Confiança política na América Latina: evolução recente e determinantes individuais. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, vol. 19, n. 39, p. 167-182, jun. 2011.